

miriamleitao@oglobo.com.br

MÍRIAM LEITÃO



Chile, Peru, Colômbia e México, por outro lado, estão na lista dos que estão bem. E o Brasil? A expectativa é de ventos contrários

América Latina e Brasil

Uma América Latina dividida em três: alguns países vão bem; outros, mal; e há ainda aqueles que vão mais ou menos, com altos e baixos. É assim que o escritor Moisés Naím, ex-ministro do Desenvolvimento da Venezuela, vê a região. A principal ameaça que paira sobre ela, segundo Naím, é o continuísmo, mas ele destaca pontos positivos também, como o aumento da classe média e a queda da pobreza.

Naím, que também é ex-diretor executivo do Banco Mundial, acredita que, em alguns lugares, como em seu próprio país, e no Equador, na Argentina, e na Nicarágua, por exemplo, governantes eleitos fazem truques para continuarem no poder, afrontando a democracia.

— Quando um povo elege um governante errado, tem a possibilidade de trocá-lo, é assim na democracia. Mas o que estamos vendo é que alguns são eleitos e depois fazem truques, mudam a Constituição, e não se vão, apesar de serem uma catástrofe — diz.

Chile, Peru, Colômbia e México, por outro lado, estão na lista do escritor dos que estão bem. E o Brasil? O venezuelano acha que o país está mais ou menos e passará por uma época de vento contrário.

— O apetite por matérias-primas e os preços das commodities serão menores. O dinheiro, menos abundante. O Brasil continua tendo problemas nas áreas de infraestrutura e educação que não foram resolvidos. Há incertezas com respeito à capacidade do governo de administrar bem o país em um cenário internacional menos favorável — diz Naím, que lança este mês no Brasil o livro “O Fim do Poder”, pela editora LeYa.

Em conversa com a coluna, ele resume a mensagem principal da obra: “O poder não é mais o que era. No século XXI, o poder é mais fácil de obter, mais difícil de utilizar e mais fácil de perder”. E como é este mundo em que o poder passa por uma mudança tão grande? Para Naím, um lugar melhor, em que os ditadores estão mais inseguros, em que os jovens podem mobilizar a sociedade com boas ideias, em que os excluídos têm mais possibilidades. De maior oportunidade para aqueles que têm iniciativa.

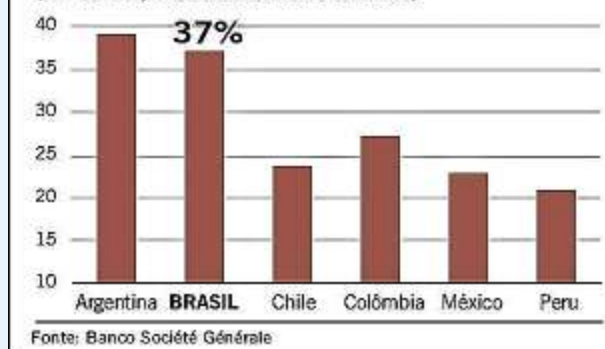
— É um mundo em que é mais possível mudar o mundo — afirma.

Brasil e Argentina: alta carga tributária

Um relatório do banco francês Société

RECEITAS DE GOVERNOS DA AL

(em % PIB, média entre 2010 e 2013)



Générale chamou atenção para o alto peso dos impostos e receitas dos governos do Brasil e da Argentina. Essa seria uma das causas para a inflação mais alta nos dois países, quando comparados a outros da região. Na média, entre 2010 e 2013, as receitas do governo argentino chegaram a quase 40% do PIB. No Brasil, a 37%, enquanto Chile, Colômbia, México e Peru oscilaram entre 22% e 27%. Vejam no gráfico.

Dezembro começa quente

A primeira semana de dezembro terá uma enxurrada de indicadores importantes para o Brasil e o mundo. Na terça-feira, o IBGE divulga o PIB do terceiro trimestre e deve revisar o de 2012. Amanhã, sai a balança comer-

cial de novembro, e, na quarta, será divulgada a produção industrial de outubro. Na quinta, é dia de Ata do Copom, com indicações sobre os rumos da política monetária; na sexta, de IPCA, de novembro. Nos EUA, serão divulgados dados do mercado de trabalho, do PIB e a ata do Fed, que pode dar novos sinais sobre a redução dos estímulos.

“A economia brasileira é menos atraente hoje para os investidores estrangeiros, porque apareceram outros concorrentes e o Custo Brasil é alto.”

MOISÉS NAÍM - Escritor venezuelano, ex-diretor do Banco Mundial

—
Com Alvaro Gribel e Valeria Maniero (interinos) oglobo.com.br/economia/miriamleitao

PRECISANDO AMPLIAR SUA INFRAESTRUTURA DE TI?

Oferecemos soluções em Data Center que possibilitam atender as suas demandas de infraestrutura de forma escalonável, segura e sem os tradicionais investimentos em aquisições de equipamentos e softwares. Antes de comprar um novo servidor, consulte nossos serviços de Data Center e Nuvem.

Entre em contato com um dos nossos especialistas.

ISH
DATACENTER
(27) 3334-8900
www.ish.com.br

SAINDO DA CRISE

ArcelorMittal compra usina no Alabama

EDSON CHAGAS - 27/07/2011

Tubarão fornecerá aço para a usina americana. O alto-forno 3 será reativado em junho

SÃO PAULO

A ArcelorMittal, líder mundial da siderurgia, anunciou um acordo de compra da ThyssenKrupp Steel USA, em parceria com Nippon Steel & Sumitomo Metal, a maior fabricante de aço do Japão. O negócio foi fechado por US\$ 1,55 bilhão.

A ArcelorMittal e a Nippon Steel formaram uma joint venture, com participação de 50% cada grupo. Juntas, passarão a deter 100% do capital da subsidiária americana do grupo alemão ThyssenKrupp.

A TK Steel USA opera uma laminadora de aço situada em Calvert, no Estado do Alabama, com capacidade de produção anual de 5,3 milhões de toneladas de material laminado. Faz desde bobinas a quente, a



Com reativação do alto-forno 3, 230 serão contratados

frio e aços revestidos usados na indústria automotiva e da construção civil.

O negócio envolve um acordo de compra de 2 milhões de toneladas de placas por ano, no período de seis anos, da Cia. Siderúrgica do Atlântico (CSA), que fica no Rio de Janeiro.

O restante do fornecimento de placas para o Alabama será feito por suas usinas de aço no Brasil, EUA e México.

A confirmação do negó-

cio lá nos Estados Unidos beneficia a economia capixaba. A planta da ArcelorMittal em Tubarão, que está fechada desde novembro do ano passado por falta de demanda, será uma das responsáveis por fornecer aço para o negócio do Alabama. Com isso, a capacidade de produção da unidade voltará a ser de 7,5 milhões de toneladas (hoje está em 5 milhões) e 230 funcionários efetivos serão contratados.